

## **Bakhtin e Freud em diálogo com Dostoiévski/ *Bakhtin and Freud in Dialogue with Dostoyevsky***

Marcos Antonio Moura-Vieira\*

### RESUMO

Este estudo apresenta um contraponto entre ideias dialógicas e psicanalíticas, em três momentos: um ensaio de Bakhtin e outro de Freud que citam a obra de Dostoiévski; as ideias defendidas; os pontos de vista em relação a Dostoiévski e sua obra. Para a psicanálise, as obras de Dostoiévski foram usadas para diagnosticar o funcionamento psíquico do homem Dostoyevski; para o dialogismo, a análise das vozes são um meio de compreender temáticas do funcionamento social.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; dialogismo; psicanálise; freudismo; Dostoiévski

### ABSTRACT

*Our objective is to present a counterpoint of the dialogical ideas with the psychoanalytic ideas. We choose one essay of Bakhtin and another one of Freud who deals with the workmanship of Dostoyevsky; we present the ideas defended in each texts and we comment the point of view adopted in relation with the Dostoyevsky novels. We conclude that for the psychoanalysis the workmanships of Dostoyevsky was a way to give to Dostoyevsky one psychodiagnosis and that for the dialogism it was a medium to comprehend the human social genders.*

KEY-WORDS: *Circle of Bakhtin; dialogism; psychoanalysis; Freudianism; Dostoyevsky*

---

\* Professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e Psicoterapeuta junto a I-Psy Psiquiatria Intercultural em Amsterdam; mvieir@hotmail.com

*Na verdade, na verdade, eu vos digo:  
se um grão de trigo tomba na terra e não morre,  
ele permanece sozinho;  
mas se ele morre, ele aporta muitos frutos.  
João, XII, 24, 25*

Fiodor Michaillovitsi Dostoiévski (1821-1881) abre o seu último romance *Os irmãos Karamazov* (1880/1952), dedicado a Anna Griogorieva Dostoiévski, com a epígrafe transcrita acima, que dialoga com o tema central de sua obra. Considerado um dos livros mais contundentes da literatura universal, ao lado de outras obras suas, a exemplo de *Crime e castigo* (1866/1950), mobiliza os limites sociais da família em estreita relação com a propriedade e traz para a cena literária personagens de pensamentos complexos que dialogam com seus valores e atos cotidianos aparentemente mais simples, mais nobres e mais vis e que encarnam, visceralmente, a natureza humana. Dentre os inúmeros estudos e ensaios dedicados às suas obras, a maioria por um prisma da crítica literária tradicional, vimos surgir, na segunda metade dos anos vinte, do século passado, pelo menos duas perspectivas originais aplicadas à sua leitura: da filosofia psicológica e da filosofia da linguagem.

Comentamos aqui a perspectiva analítica adotada por Bakhtin (1895-1975) e seu Círculo e pela Escola de Freud que tomam a obra de Dostoiévski como um objeto de reflexão, com o objetivo de apresentar um contraponto das ideias dialógicas com as ideias psicanalíticas. Tomamos como apoio o ensaio de Sigmund Freud (1856-1939) *Dostoiévski e o parricídio (Dostojevski und die vatertötung)*, escrito entre 1926 e 1927 e publicado em 1928, e o ensaio assinado por Valentin Nicolaevich Voloshinov (1895-1936), *O discurso na vida e o discurso na arte (considerações sobre a poética sociológica) [Slovo v zizni i slovo v poèzii (k voprosam sociologiceskoj poètikì)]*, publicado em 1929.

O artigo organiza-se do seguinte modo: uma breve contextualização da proposta dos dois ensaios; um resumo de cada um deles e considerações acerca do ponto de vista das ideias defendidas pelos seus autores.

1 A PSICANÁLISE E O DIALOGISMO NO RASTRO DE DOSTOIÉVSKI

Em *Dostoiévski e o parricídio* (FREUD, 1928/1973; 1928/1983;), Freud procede a uma leitura interpretativa da obra de Fiodor Dostoiévski, a partir de alguns trechos de falas e situações pinçadas de seus romances e de comentários sobre a sua vida privada, na tentativa de explicar aspectos clínicos (neuropsiquiátricos) atribuíveis ao homem empírico. Esse artigo pode ser dividido em duas partes. A primeira trata, mais especificamente, do caráter de Dostoiévski, assinalando – conforme a linguagem psicanalítica – traços patológicos da sua personalidade. A segunda parte aborda o problema de jogo de Dostoiévski fazendo uma comparação com uma novela de Stefan Zweig (1881-1942), *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher*, na qual uma velha senhora relembra como em um dia apaixonou-se por um obsessivo jogador, entregou-se a ele para salvá-lo da morte e, em seguida, presenciou o seu amado perder no jogo todas as posses que lhe oferecera para que ele se curasse do vício.

Na época de sua publicação, o artigo foi alvo de críticas do psicanalista Theodor Reik, tanto pela severidade de um julgamento moral de Dostoiévski quanto pela digressão a um outro autor sem estabelecer uma conexão substancial. Freud, em carta a Reik (FREUD, 1929/1968), explica não ter uma especial admiração por Dostoiévski e que escreveu o artigo sem muita motivação, principalmente, pelo contexto literário em que o texto apareceria<sup>1</sup>, procurando manter-se no campo da psicanálise para demonstrar a estreita relação entre o jogo patológico e a neurose.

Os autores do Círculo de Bakhtin, por sua vez, escreveram sobre a obra literária de Dostoiévski em diferentes textos que apareceram no mesmo período do artigo de Freud, mas buscando atender o projeto iniciado no apontamento *Arte e responsabilidade (Iskusstvo i otvetstvennost)* (1912-1919/1990) e formatado no ensaio *Para uma filosofia do ato (k filosofii postupka)* (1919-1921), que consiste na investigação do enunciado (artístico) concreto como um acontecimento sociológico.

---

1 – O texto apareceria na apresentação de um dos volumes da edição alemã da coleção das obras completas de Dostoiévski, *Die Urgestalt der Brüder Karamasoff*, volume editado por R. Fülöp-Miller & F. Eckstein em 1928, p. XI-XXXVI.

O estabelecimento de um método sociológico/dialógico configura-se no texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária (Problema sodernija, materiala y formy v slovesnom xudozestvennom tvorcestve)* (1924) e sua aplicação é ensaiada em *O discurso na vida e o discurso na poesia* (contribuição a uma poética sociológica). O ensaio, que foi publicado entre as obras do freudismo de 1925 e 1927, toma Dostoiévski como um dos exemplos para o estudo do discurso citado em suas dimensões ideológica imanente e extralinguística e anuncia algumas tarefas aos pensadores do seu Círculo, das quais destacamos: considerar o autor como uma voz autônoma e consciente da criação artística e a obra de arte como uma relação de comunicação artística entre o criador e o receptor que participa do fluxo da vida verbal e reflete a infraestrutura socioeconômica e cultural geral. É dessa perspectiva que Bakhtin analisará esse autor em livro específico *Problemas da poética de Dostoiévski (Problemy poetiki Dostoïevkovo)*, publicado em 1929.

Ao lançarem seus olhares para a obra de Dostoiévski, Freud e Bakhtin deixam ver as suas ideologias – empregadas aqui no sentido desse último – como signos ideológicos com e pelos quais se opera a valoração de um autor acerca das ideias desenvolvidas no diálogo com o ouvinte e o herói do enunciado. Passamos, então, a apresentar, mais especificamente, a estrutura e as ideias dos ensaios Psicanalítico e dialógico.

## 2 FREUD, DOSTOIÉVSKI E O PARRICÍDIO

Para dar continuidade ao nosso comentário do texto de Freud, destacamos a seguir o primeiro parágrafo que o introduz e coloca o objetivo da reflexão que ele procederá:

Poder-se-iam distinguir quatro aspectos na rica personalidade de Dostoiévski: o escritor, o neurótico, o moralista e o pecador. Como se orientar nesta desconcertante complexidade?<sup>2</sup> (FREUD, 1928/1983, p. 203).

---

2 – Men is geneigd aan de rijk persoonlijkheid van Dostojewskij vier facetten te onderscheiden: de schrijver, de neuroticus, de moralist en de zondaar. Hoe moeten wij ons oriënteren in dit verwardend complexe geheel?

Chamam atenção os adjetivos com os quais Freud pressupõe, em 1926, que as pessoas, em geral, qualifiquem a *personalidade* de Dostoiévski: escritor, neurótico, moralista e pecador. Essa avaliação é assimilada como um fato mundano estabelecido consensualmente e validada como uma premissa, com a qual ele trabalhará para encontrar um caminho metodológico que o orientasse nesse quadro complexo, ou seja, como poderia vir a analisar psicanaliticamente essa *personalidade*.

Observamos que, das quatro características, só uma poderia ser tomada como concreta, qual fosse, o fato de Dostoiévski ser um escritor e, as demais, se inscreverem como abstratas: moralista, pecador e neurótico. Se levarmos a sério, entretanto, o conceito de *personalidade*, segundo a proposta da própria teoria psicanalítica<sup>3</sup>, nenhuma das quatro categorizações poderia ser tomada efetivamente como traços que a caracterizem (traços de personalidade), posto que: *escritor* indicaria uma característica profissional exterior ao aparelho psíquico; *neurótico* seria um resultado diagnóstico de um conjunto de características do funcionamento psíquico presentes em diferentes fases do desenvolvimento; e *moralista* e *pecador* ficariam restritas ao campo dos juízos de valor impostos pelo Superego (a parte idealizada do inconsciente) ao Ego. Isso nos autoriza a pensar que a palavra *personalidade* foi deslocada do seu conceito estruturado no interior do sistema do pensamento psicanalítico e igualada à compreensão generalizada de *indivíduo*, *pessoa*, *ser humano* etc. É dessa perspectiva – da ideologização generalizada de um conceito originalmente destinado a operar categorias específicas em um sistema dialógico específico – que Freud destitui do termo *neurótico* a sua qualidade técnica e o aplica fora do seu sistema conceitual-diagnóstico. O que nos leva a reposicionar a característica de *neurótico*, como adjetivo ao homem Dostoiévski, no campo dos juízos de valor, ou seja, o próprio Freud desloca o seu conceito *técnico-operacional* para o campo avaliativo da ideologia.

Nosso comentário inicial ilustra a crítica central do Círculo de Bakhtin à aplicação do método de trabalho psicanalítico para a lei-

---

3 – Personalidade é compreendida como um conjunto de traços de caráter que caracterizam o pensamento e o comportamento de um indivíduo e que foram moldados durante as fases infantis do desenvolvimento psíquico (oral, anal, uretral, fálica).

tura de fatos da cultura, da arte e da ciência. Embora reconhecendo a sua razoável efetividade no campo prático da psiquiatria, a psicanálise foi considerada, no campo da teoria científica, como uma filosofia psicológica subjetivista que se aplicava à leitura ideológica imaterial do mundo sociocultural (VOLOSHINOV, 1925/1980; 1927/1976-1987). A continuidade da reflexão de Freud a respeito da obra de Dostoiévski vai aprofundar seu desvio do setting psicanalítico, transportando a metáfora da relação médico-paciente, para as relações do homem com a cultura, a arte e as ciências.

Em linhas gerais Freud identifica, nas falas das personagens de Dostoiévski, descrições de aspectos de sinais e sintomas de uma possível *epilepsia* que, segundo ele, resultaria de sinais e sintomas semelhantes aos que acometiam o homem Dostoiévski. A partir da transposição das descrições das personagens para o campo classificatório da anamnese neuropsiquiátrica e anexando comentários correlatos à vida privada do autor, Freud se aplica a determinar, com as lentes da teoria psicanalítica, um diagnóstico correto para o paciente Dostoiévski.

O ensaio sustenta que as crises epilépticas de Dostoiévski, o paciente, não seriam de fato reais do ponto de vista da neurologia, ou seja, Dostoiévski não sofreria de uma condição clínica concreta diagnosticada pela medicina como Epilepsia, mas sim de uma condição psíquica inconsciente, que o faria manifestar uma *pseudo-epilepsia* – causada, por sua vez, por uma forma de neurose, denominada por Freud ‘Epilepsia Histérica’. Segundo o neurologista A. Vein (2008, p. 82) Atualmente “nenhum neurologista aceitaria tal explicação”<sup>4</sup>, posto que a extrema subjetividade da leitura psicanalítica distancia-se, sobremaneira, de um olhar clínico objetivo.

A leitura psicanalítica, entretanto, para a manifestação da considerada *pseudo-epilepsia* de Dostoiévski, responsabiliza o *Complexo de Édipo* – experimentado pelo jovem Dostoiévski, a partir da experiência de um forte sentimento de culpa pela morte do seu pai – como a fonte das suas pseudocrises. Tal neurose (estruturação de doença físico-psíquica como defesa contra a manifestação de pulsões reativas a um trauma infantil) seria demonstrada, inconscientemente, pelo homem Dostoiévski por meio, por exemplo, dos pensamentos da

---

4 – “tegenwoordig zou geen enkele neuroloog een dergelijke uitleg accepteren”.

personagem Dimitri Karamazovi que, apesar de não haver assassinado o pai, sentia-se responsável por ter desejado a sua morte. Segundo Freud, essa neurose é condicionada ou reforçada por uma tendência bissexual acentuada de Dostoiévski que ele comprova por três indicadores:

Ele manifestava uma forma de aceitação dos fatos da vida (como latente homossexualidade), na grande importância atribuída a suas amizades masculinas, na sua tolerância para com rivais amorosos e na excepcional compreensão de situações ambíguas que são indicadoras de uma homossexualidade reprimida, tal como aparece nos seus romances em “inúmeras” passagens<sup>5</sup> (FREUD, 1928/1983, p. 211-222).

Tal análise psicanalítica, aplicada fora do seu *setting*, associa os supostos comportamentos de Dostoiévski a relatos de amizades masculinas importantes, tolerância com rivais amorosos e excepcional compreensão de situações ambíguas indicativas de tendência homossexual de suas personagens, como indicadores de uma homossexualidade reprimida que teria sido demonstrada por Dostoiévski em “inúmeras” passagens nos seus romances. Freud, entretanto, não apresenta sequer um exemplo concreto de análise de uma situação descrita em um romance, ou de falas de uma personagem, que possa autorizar a suposição. De qualquer forma, essa hipotética bissexualidade latente seria uma fonte de pulsões que aguardariam na antessala da consciência de Dostoiévski e sustentariam um foco das suas defesas neuróticas, manifestadas, por exemplo, nas suas crises pseudo-epilépticas.

A abordagem psicanalítica adotada no artigo é posterior à teoria topográfica que foi elaborada quando Freud dedicou-se ao estudo dos sonhos (FREUD, 1900; 1901/2001) e que divide o aparelho psíquico humano em consciente, inconsciente e pré-consciente. A leitura freudiana de Dostoiévski adota as ideias da segunda fase da doutrina

---

5 – “hij manifesteert zich in een voor het leven aanvaardbare vorm (als latente homoseksualiteit), in de grote betekenis van mannenvriendschappen voor zijn leven, in zijn opvallend milde houding tegenover liefdesrivalen en in zijn buitengewone vermogen om zich in te leven in situaties die enkel door verdrongen homoseksualiteit zijn te verklaren, zoals vele voorbeelden uit zijn romans aantonen”.

psicanalítica (FREUD, 1924), da chamada “teoria estrutural”, que divide o aparelho psíquico em Ego, Id e Superego, considerando, por sua vez, o Ego da ordem do funcionamento da consciência e o Id e o Superego da ordem do funcionamento inconsciente. Nesse sentido, o diagnóstico de Freud de uma doença neurótica de Dostoiévski, à luz da psicanálise das falas de suas personagens, interpretadas como vozes inconscientes do autor, explicita que as suas ideias dialogam, em primeira instância, com as ideias da psiquiatria e da neurologia, que são as fontes da sua teleologia, mas que são deslocadas, sem rigor metodológico, para o campo da filosofia.

Como vimos inicialmente, Freud adotou a atitude performativa de declarar, de antemão, como uma verdade generalizada, que Dostoiévski era visto como neurótico e sob a suspeita do seu Complexo de Édipo fabricou as suas provas. Mesmo sem manter uma coesão interna dos elementos do seu próprio sistema psicanalítico, Freud chega à proposição de um diagnóstico da neurose de Dostoiévski que explicaria a extrema “humanidade e grandiosidade da sua obra literária” pela sua atuação defensiva ao complexo de Édipo. O efeito de sentido da redundância de instituir inicialmente que o *escritor, neurótico, moralista e pecador* Dostoiévski era mesmo, ao fim da análise, um *neurótico pseudo-epiléptico histérico* – opera fora do campo científico, imerso no universo da sua própria teleologia e assim consegue manter-se na mais pura análise especulativa introspectivo-interpretativa e subjetivista.

### 3 O CÍRCULO DE BAKHTIN E O DISCURSO NA VIDA E NA ARTE DE DOSTOIÉVSKI

O ensaio O discurso na vida e o discurso na poesia (contribuição a uma poética sociológica) (BAKHTIN/VOLOSCHINOV, 1926/1981) foi um dos primeiros textos do Círculo de Bakhtin que experimentou praticar a teoria sociológica do discurso na análise de formações ideológicas no domínio da arte. É importante assinalar que tal método sociológico abdica, por um lado, de tomar a obra de arte como um objeto em si mesmo (como coisa) e por outro, de perscrutar o psiquismo do autor e do receptor. Embora os três aspectos, a obra, o autor e o auditório, contribuam para o *fato artístico*, seu estudo isoladamente nada pode acrescentar de “propriamente científico” às ciências

humanas, devendo, portanto, ser analisados em sua correlação dialética e na comunicação artística particular que ela possibilita. Nesse sentido, o ensaio propõe que “compreender esta forma especial de comunicação realizada e fixada no material de uma obra de arte – eis aí a tarefa da poética sociológica”<sup>6</sup> (VOLOSHINOV, 1926/1987, p. 97). É nos limites desta proposta que se analisa a obra de Dostoiévski, buscando estabelecer um parâmetro para o uso do discurso citado quanto à percepção que o autor estabelece com o ouvinte e com o herói.

Para alcançar o entendimento do enunciado poético, o texto destaca inicialmente certas características dos enunciados verbais fora do campo da arte, chamados de *enunciados da fala da vida e das ações cotidianas* (idem, p. 98), por considerar que as bases e potencialidades da forma artística estão contidas em tais falas. O discurso verbal na vida se relaciona com a situação extraverbal que o engendra apoiado em um *contexto-extraverbal do enunciado* que, por sua vez, compõe-se de três dimensões comuns aos interlocutores: 1. *o horizonte espacial e o horizonte ideacional* quanto ao 2. *conhecimento e a compreensão da situação* e, 3. *à sua avaliação*. O enunciado concreto, que se dá entre falantes co-participantes da situação de enunciação, une esse horizonte extraverbal (não-dito) com o discurso verbal. Ele se compõe de uma parte percebida e realizada em palavras e de outra parte que é presumida a partir do que *todos nós sabemos, reconhecemos, vemos, amamos etc.* É desse ponto de vista que o *individual* e o *subjetivo* sustentam-se no *social* e *objetivo*.

Uma pessoa que ignore o contexto pragmático imediato de uma situação não poderá compreender de seus enunciados os seus *gestos* e *entoação*, por intermédio dos quais o discurso entra em contato imediato com a vida (mundo externo e meio social) e expressa o estado mental passivo do falante (autor) orientado em duas direções: ao interlocutor, como aliado ou testemunha (ouvinte), e ao objeto (tópico) do enunciado, como um terceiro participante vivo<sup>7</sup> – como o *que* ou o *quem* da fala (o herói).

---

6 – “To understand this special form of social communication realized and fixed in the material of a work of art – that precisely is the task of sociological poetics.”

7 – “Observe-se que, muitas vezes, o terceiro participante, ou herói, é simplesmente uma coisa inanimada, alguma ocorrência ou circunstância da vida” (Voloshinov, 1926/1987, p. 104).

Depois de colocar as bases para a compreensão dialógica do ‘enunciado concreto’, o ensaio discute de que modo um enunciado verbal artístico, entendido como uma obra completa de arte poética difere de um enunciado da vida corrente e como pode ser estudado. Como o discurso na arte é menos dependente dos fatores do contexto extraverbal, o autor deve indicá-lo via algum modo estilístico, aludindo a ele na parte verbal do enunciado. A entoação dos enunciados da arte é resultado da condensação de avaliações sociais não articuladas que se apresentam em julgamentos de valor presumidos na obra poética. São os julgamentos de valor que determinam a seleção das palavras do autor, a recepção dessa seleção (co-seleção) pelo ouvinte e a tendência avaliativa projetada para o objeto heroico do enunciado. O Círculo defende que “pela mediação da forma artística, o criador assume uma posição ativa em relação ao conteúdo”<sup>8</sup> (idem, p. 108). Para exemplificar tal ponto de vista, destacamos a seguir um trecho do ensaio em que se exercita a compreensão do enunciado verbal artístico, especificamente quanto à percepção que o autor Dostoiévski tem acerca do seu ouvinte nas formas da confissão e da autobiografia.

O estilo confessional do “artigo” de Ippolit (*O idiota*) é determinado no mais alto grau pela desconfiança desdenhosa e hostilidade dirigidas a todos aqueles que vão ouvir sua confissão mortal. Tons similares, mas de alguma forma suavizados, determinam o estilo das *Notas do subterrâneo*. O estilo da “Confissão de Stavrogin” (*Os demônios/Os possessos*) demonstra muito maior confiança no ouvinte e reconhecimento de seus direitos, ainda que aqui também, de tempos em tempos, irrompa um sentimento quase que de ódio para o ouvinte, o que acarreta o traço recortado do seu estilo. Fazer-se de bobo, como uma forma especial de enunciado, que repousa certamente na periferia do artístico, é determinado sobretudo por um extremamente complexo e emaranhado conflito do falante com o ouvinte<sup>9</sup> (VOLOSHINOV, 1926/1987, p. 113).

---

8 – “tought the agency of artistic form the creator takes up an active position with respect to content”.

9 – The confessional style of Ippolit’s “article” is determined by an almost degree of contemptuous distrust and hostility direct toward all who are to hear this dying confession. Similar tones, but somewhat softened, determine the style of Notes from

Os exemplos das falas das personagens, destacados anteriormente, marcam, a um só tempo, a interação e a independência entre os pontos de vista do autor e do ouvinte em relação ao herói do enunciado. O ouvinte fica lado a lado com o autor, como seu aliado e, algumas vezes, ele se inclina para o *quê* ou *quem* heroico. Tal exemplo demonstra a possibilidade de uma abordagem sociológica da estrutura imanente da forma poética, fornecendo três direções básicas tomadas pela análise:

1. o valor hierárquico do herói ou evento funcionando como o conteúdo do enunciado; 2. o seu grau de proximidade com o autor, e 3. o ouvinte e sua inter-relação com o autor, de um lado, e com o herói, de outro<sup>10</sup> (VOLOSHINOV, 1926/1987, p. 115).

O ensaio sugere que a obra de arte seja vista como uma confrontação dessas instâncias discursivas. Dessa perspectiva, as personagens de Dostoiévski são apresentadas e devem ser analisadas como o(s) discurso(s) da(s) personagem(ns) no diálogo consigo mesmo(as) e com o mundo. A aproximação do Círculo de Bakhtin dos escritos de Dostoiévski orienta-se para a compreensão da tonalidade da relação de diálogo estabelecida pelas personagens com seus interlocutores, com o propósito de revelar a natureza ideológica e estética da obra.

A continuidade das análises da obra poética nessa perspectiva levará ao estabelecimento da *teoria do romance polifônico* de Dostoiévski (BAKHTIN, 1929/1970) cujo método científico, adequado à sua análise, será configurado como o *método dialógico* (BAKHTIN, 1929/1970). Enfim, o Círculo de Bakhtin se aplicou a destacar a originalidade do *artista Dostoiévski*, dedicando-se a analisar o que ele inova na corrente dialógica da prosa literária europeia quanto às for-

---

Underground. The style of “Stavrogin’s Confession” (The Possessed) displays for grater trust in de listener and acknowledgments of his rights, although here too, from time to time, a feeling almost of hatred for de listener erupts, which is what is responsible for the jaggedness of its style. Playing the fool, as a special form of utterance, one to be sure, lying on the periphery of the artistic, is determined above all by an extremely complex and tangled conflict of the speaker with the listener.

10 – “(1) the hierarchical value of the hero or event serving as the content of the utterance, (2) the degree of the latter’s proximity to the author, (3) the listener and his interrelationship with the author, on the one side, and the hero, on the other”.

mas da visão artística que permitem descobrir aspectos desconhecidos do homem e da vida: o romance polifônico.

#### 4 A PROPOSIÇÃO PSICANALÍTICA E A PROPOSIÇÃO DIALÓGICA

Recuperar o que Freud e Bakhtin, praticamente na mesma época, escreveram sobre Dostoiévski e sua obra é um fato não apenas curioso ou coincidente, mas revelador da postura da psicanálise e do dialogismo perante o autor de uma obra de arte. Ao abordar um mesmo *objeto* de reflexão, tal a obra de Dostoiévski, freudianistas e autores do Círculo de Bakhtin não falam do mesmo lugar. As bases das ideias de Freud fundam-se na psiquiatria clássica e a prática da psiquiatria francesa e alemã e a fonte das ideias de Bakhtin é a filosofia linguística clássica e a prática do ensino de literatura russa.

Quando Freud se refere à Dostoiévski, está preocupado em analisar o homem como reprodutor de vozes inconscientes. Quando Bakhtin se refere à obra de Dostoiévski, busca analisar os diálogos como reflexos e refrações da consciência social. Enquanto, em Freud, o autor coincide com o homem em si, em Bakhtin, o autor jamais coincide com um possível eu mesmo – “O ‘Eu’ só pode realizar-se verbalmente sobre a base do ‘nós’” (VOLOSHINOV, 1926/1987, p. 100)<sup>11</sup>. Ao se referir a Dostoiévski, Bakhtin está preocupado em conhecer o autor, no seu diálogo com o ouvinte, e o herói do enunciado, como uma voz a mais na composição da trama dialógica do romance. Em Freud, toda explicação da obra de Dostoiévski remete à monologia de sua concepção do complexo de Édipo; em Bakhtin, para compreender Dostoiévski, é preciso analisar a estrutura e o funcionamento polifônico dos valores sociais complexos mobilizados no conjunto da sua obra.

A epígrafe de *Os irmãos Karamazov* enuncia uma percepção de morte, segundo o profeta João, que consideramos próxima ao valor da proposta original do mito grego de Édipo. Nas duas metáforas, da Bíblia e do mito, a morte é fonte de multiplicação de bens materiais, interpretação que foi esquecida por Freud quando transpôs o mito para a sua seara, retirando dele a implicação social e supervalorizan-

---

11 – “I’ can realize itself verbally only on the basis of ‘we’ ”.

do o aspecto sexual da relação incestuosa. Nesse sentido, uma das melhores críticas à apropriação antissocial e descontextualizada do mito edipiano pela psicanálise encontra-se na primeira versão do ensaio *À margem do social: ensaio sobre o freudismo*, (Bakhtin/Voloshinov, 1925):

O complexo de Édipo constitui uma magnífica alienação da célula familiar, onde, no lugar de um pai chefe de empresa e de um filho herdeiro, nós mantivemos um pai que não passa do marido da mãe de um filho seu rival! Ora, nós sabemos que o mito de Édipo, ele mesmo não é o produto de uma temática sexual (o sexual aparece aqui, como sempre, como um envelope), mas de uma realidade econômica: a mãe detinha a propriedade (resquícios do matriarcado) e só o casamento com ela permitiria o direito ao trono (herança passada pelas mulheres), o filho deveria ou desaparecer ou descartar o pai. E foi unicamente essa situação que produziu o tema de Édipo (Hildebrand e Hadugrand na velha epopeia alemã; Roustem e Zorab, na epopeia iraniana; o combate da Iliada de Mourom e de seu filho, na epopeia russa etc...). Sexualizando esse tema, Freud serviu para alienar a família (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1925/1980-2008).

Ao criticar a análise introspectivo-subjetivista psicanalítica da obra de arte, assim como criticara uma abordagem formalista, o Círculo de Bakhtin vai estabelecer o papel da análise sociológico-objetiva da função ideológica do enunciado da obra artística. A proposta da análise dialógica é elucidar questões como: quais são os heróis típicos da literatura em um determinado período? Qual a orientação formal característica do autor com relação a elas? Qual são as interações do autor e do herói com o ouvinte no todo da obra artística? O que só pode ser feito considerando dialogicamente as relações socioeconômicas e ideológicas de um dado período.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *La poétique de Dostoiévski*. Trad. de Isabelle Kolitcheff. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

\_\_\_\_\_. Art and Answerability. In: *Art and Answerability*. Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin. Trad. Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 1-3.

\_\_\_\_\_. *Pour une philosophie de l'acte*. Trad. Ghislaine Capogna Bardet. Lausanne: L'Age d'homme, 2003.

BAKHTIN, M. [VOLOSHINOV, V. N.]. Au delà du social: essai sur le freudisme. In: BAKHTINE, M. *Le Freudisme*. Trad. Guy Verret. Lousanne: Ed. L'Age d'Homme, 1980. p. 31-77.

\_\_\_\_\_. Le freudisme: essai critique. In: BAKHTINE, M. *Le Freudisme*. Trad. Guy Verret. Lousanne: L'Age d'Homme, 1980. p. 79-212.

\_\_\_\_\_. Le discours dans la vie et le discours dans la poésie: contribution à une poétique sociologique. (trad. Tzvetan Todorov). In: TODOROV, T. Mikhail Bakhtine le principe dialogique suivi de *Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Editions du Seuil, 1981. p. 181-215.

DOSTOÏÉVSKI, F. (1952). *Les frères Karamazov*. Trad. Henri Mongault. Paris: Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. (1956). Misdaad en straf. (vertaald uit het Russisch door Jan Meijer). Amsterdam: Uitgeverij Maarten Muntinga, 1997.

FREUD, S. Dostoïevski et le parricide. In: Dostoïevski, F. *Les frères Karamazov*. Trad. Henri Mongault. Paris: Gallimard, 1952. p. 7-30.

\_\_\_\_\_. Die Traumdeutung. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S Fischer Verlag, delen 2-3, 1960.

\_\_\_\_\_. Brief an Theodor Reik (1929). In: *Briefe 1983-1939*. Amsterdam: Boom, 1968.

\_\_\_\_\_. Dostojewskij en de vadermoord. In: *Sigmund Freud Nederlandse Editie*. (vertaling Wilfred Oranje). Amsterdam: Boom Meppel, Cultuur en Religie, 1983. v. 2, p. 197-223.

\_\_\_\_\_. *Sur le rêve*. Traduit de l'allemand par Cornélius Heim. Paris: Gallimard, 2001.

MOURA-VIEIRA, M. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. In: BRAIT, B. *Bakhtin e seu círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

VEIN, A. A. Fjodfor Dostojevski: patiënt en auteur. *Tijdschrift voor Neuropsychiatrie & Gedragsneurologie*, Amsterdam, v. 7, n. 3, april 2008. p. 80-83.

VOLOSHINOV, V. N. Discourse in life and discourse in art (concerning sociological poetics). In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudianism: A Critical Sketch* (Trad. I. R. Titunik) Indiana: Indiana University Press, 1987. p. 93-116.

\_\_\_\_\_. Freudian Philosophy of Culture. In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudianism*:

A Critical Sketch. (Trad. I. R. Titunik. Indiana: Indiana University Press, 1987. p. 57-64.

\_\_\_\_\_. *Freudianism: A Critical Sketch*. (Trad. I. R. Titunik. Indiana: Indiana University Press, 1987.

*Recebido em 21/05/2009*

*Aprovado em 19/09/2009*